



XXVI COLÓQUIOS DA LUSOFONIA – S. Miguel, Açores, Portugal  
Setembro/2016

**ANABELA SARDO\***  
**ANA MARIA COSTA LOPES\*\***

\*asardo@ipg.pt - ORCID ID 0000-0002-2749-785X - Unidade de Investigação e Desenvolvimento do Interior - Instituto Politécnico da Guarda

\*\*anacostalopes@esev.ipv.pt - Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde - Instituto Politécnico de Viseu

**Impressões em jeito de comemoração: os 90 anos da publicação de *As Ilhas Desconhecidas-Notas e paisagens* de Raul Brandão**

“Aos meus amigos dos Açores”<sup>1</sup>

**Nota Introdutória**

Com o intuito de recordar os noventa anos da publicação do livro de Raul Brandão *As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens* (1926), evocamos este admirável livro de viagens que transforma a impressionante geografia das ilhas portuguesas numa surpreendente e assombrosa geografia metafísica.

**Raul Brandão: o Homem e a Obra**

“ Da minha vida não posso avançar mais nada, além do que aí está em farrapos nalguns dos meus volumes”

Raul Brandão (2011), *As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens*, p. 204

Na edição que usamos para escrever este artigo<sup>2</sup>, figura uma “Biografia” de Raul Germano Brandão, redigida por Guilherme de Castilho, texto originalmente composto para a edição das Obras Completas de Raul Brandão, publicada pelo Círculo de Leitores.

Relembramos, aqui, apenas alguns aspetos bibliográficos para conhecimento ou uma melhor compreensão da obra deste grande vulto da história literária portuguesa que nasceu na Foz do Douro em 12 de março de 1867. Este lugar bem como o ambiente físico e moral em que passou a sua infância e juventude delinearão a personalidade de homem e artista e revelar-se-ão na sua obra.

Os seus primeiros estudos realizam-se na Foz Velha e, posteriormente, no Colégio de S. Carlos no Porto. Como refere Castilho, “O centro do mundo desloca-se então da Foz Velha para Leça e para o *Camanzo*, que o mesmo é dizer para o ninho dos poetas e o antro fumarento dos nefelibatas” (Brandão, 2011: 202).

<sup>1</sup> Pensamos que ninguém percebe esse ‘sentimento’ a que Vitorino Nemésio chamou, um dia, ‘Açorianidade’ (se é que alguma vez o entende completamente quem nos Açores não nasceu e/ou viveu), até ter ido uma e outra vez às Ilhas. Por isso, dedicamos aos nossos amigos do arquipélago encantado este texto, para tal usando, *ipsis verbis*, a dedicatória do livro belíssimo sobre o qual esquiçamos estas breves linhas.

<sup>2</sup> BRANDÃO, Raul (2011), *As Ilhas Desconhecidas – Notas e paisagens*. Lisboa: Quetzal Editores. ISBN: 978-972-564-939-8.

É sob o signo do nefelibatismo, no início dos anos noventa do século XIX, que o escritor desperta para o mundo da literatura. A sua adesão à nova corrente literária manifesta-se no opúsculo *Nefelibata* (1891/1892), escrito em coautoria, e *História de um Palhaço* (1886). Em 1891, publica dois escritos que são considerados marginais à sua bibliografia 'significativa': a coletânea de contos naturalistas *Impressões e Paisagens* (1890) e *Vida de Santos* (1891).

Terminado o curso secundário e após uma breve passagem pelo Curso Superior de Letras, matricula-se, em 1891, na Escola do Exército por influência de seus pais, pois nada terá desagradado mais a Raul Brandão do que a carreira militar. Ainda estudante na Escola do Exército, em Lisboa, inicia a sua carreira de jornalista, tarefa que exercerá até ao fim da vida. Colabora no *Imparcial*, no *Correio da Noite*, no *Correio da Manhã* e em *O Dia*. É a atividade jornalística que lhe permite contactar com realidades que até então desconhecia (os mundos da miséria, do vício e do crime) e lhe abre novas perspectivas. No livro *Os Pobres*, publicado em 1906, emerge uma tentativa de explicação da dor inerente à condição humana. Porém, como refere Guilherme de Castilho, "a solução metafísica que encontra não apazigua a sua consciência moral. A interrogação e a dúvida persistem no seu espírito e serão uma constante dentro da problemática que desenvolverá nas obras a escrever" (Brandão, 2011: 203).

O escritor divide a sua existência entre a sua casa em Nespereira, nos arredores de Guimarães, que mandou construir após o seu casamento, e Lisboa. Depois da reforma, em 1912, inicia-se a fase literária mais produtiva, com a publicação das obras principais. No plano novelístico, destacamos *A Farsa* (1903), a obra-prima *Húmus* (1917), dedicada ao amigo Columbano, que conheceu no final de Oitocentos e que lhe pintou dois retratos, e *O Pobre de Pedir* (1931, publicação póstuma). É também nesta fase de vida que escreve a sua obra dramática, como, por exemplo, *O Gebo e a Sombra*, *O Rei Imaginário* e *O Doido e a Morte* (1923), textos compilados em *Teatro*. Em 1927, publicou *Jesus Cristo em Lisboa*, em colaboração com Teixeira de Pascoaes. Também nesse ano, vem a lume *Eu Sou um Homem de Bem* e, em 1929, *O Avejão*. Refiram-se, ainda, as obras históricas, como, por exemplo, *El Rei Junot* (1912) e *A Conspiração de 1817* (1914). Nos anos 20, Raul Brandão escreveu as obras impressionistas: *Os Pescadores*, em 1923, e aquela que é objeto de atenção neste texto, *As Ilhas Desconhecidas*, publicadas em 1926.

Concluindo, Raul Brandão seguiu, como referimos, uma carreira militar. Mas foi, principalmente, um grande jornalista e escritor, autor de uma vasta e diferenciada obra literária, que incluiu ficção, teatro e livros de viagem, demarcada pelas vertentes social, ética e religiosa e entrecruzada pelo patético e pelo trágico. Fez parte do grupo dos "Nefelibatas" e da "Geração de 90" do século XIX. Foi influenciado pelas correntes do Realismo, do Naturalismo e, também, do Simbolismo e do Decadentismo. Foi um homem imaginativo e talentoso, todavia passivo e, de certa forma, isolado, características que, na opinião de alguns investigadores, acabaram por fazer dele, muitas vezes, um incompreendido.

### ***As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens: literatura de viagens***

"Este livro é feito com notas de viagem, quase sem retoques"

Raul Brandão (2011), *As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens*, p. 9

Estava já no fim a primavera de 1924 quando Raul Brandão enceta uma expedição aos arquipélagos portugueses da Madeira e dos Açores, a bordo do vapor S. Miguel, viagem que se desenrolará entre junho e agosto na companhia de outros intelectuais, de entre os quais se destaca Vitorino Nemésio.

Como se pode ler logo na página inicial de *As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens* (Brandão, 2011: 11), o autor considera que o navio onde seguia havia perdido "todo o interesse da antiga navegação à vela".

Para sua desilusão, afigura-se-lhe como “a vida a bordo do Hotel Francfort com porteiro e tudo” (*Id. Ibidem*). E remata: “Foi-se o encanto dos velhos navios (...)” (*Id. Ibidem*). Depressa, contudo, o inicial desapontamento se transforma em “terror sagrado do mar” (Brandão, 2011: 12) e em espanto filtrado pelo “Ar lívido, água revolta e uma grandeza” (*Id. Ibidem*) com a qual o escritor diz não poder “arcar” (*Id. Ibidem*). Logo na primeira manhã, o viajante sente-se invadido por impressões que o marcarão durante todo o percurso e ficarão averbadas no mais recôndito do seu ser e registadas em papel: “Tudo isto, todo este azul, toda esta frescura, me entra em jorro pelos olhos e pela alma” (*Id. Ibidem*).

O livro *As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens* é publicado dois anos mais tarde, em 1926, e é tido por muitos como um dos mais belos exemplares da literatura de viagens portuguesa e uma maravilhada homenagem aos arquipélagos atlânticos.

A obra é apresentada “Em três linhas”, pelo próprio escritor, num preâmbulo onde, desde logo, podemos perceber que, embora o percurso inclua uma visita ao Arquipélago da Madeira, são as ilhas dos Açores que motivam a viagem. Neste texto inicial, Raul Brandão exalta a paisagem dos Açores, comparando-a à do Japão:

Este livro é feito com notas de viagem, quase sem retoques. Apenas ampliei um ou outro quadro, procurando sempre não tirar a frescura às primeiras impressões. Tinha ouvido a um oficial de marinha que a paisagem do arquipélago valia a do Japão. E talvez valha... Não poder eu pintar com palavras alguns dos sítios mais pitorescos das ilhas, despertando nos leitores o desejo de os verem com os seus próprios olhos!...” (Brandão, 2011: 9).

“Este livro é feito com notas de viagem”, esclarece Raúl Brandão (*Id. Ibidem*) no próêmio que acabamos de citar. Como classificar esta viagem de Brandão? Como já referimos, o escritor concretizou, durante o verão de 1924, uma expedição que podemos classificar como “viagem erudita”, uma das categorias da tipologia de viagens proposta por Fernando Cristóvão no ensaio “Para uma Teoria da Literatura de Viagens” (2002)<sup>3</sup>. De acordo com essa categorização, o “viajante de erudição, de formação ou de serviço” visa ampliar a sua formação, viajar como diplomata, estudioso ou em missão. Dá como exemplo o *Grand Tour*, realizado pelos jovens aristocratas ingleses, desde os finais do século XVII, pela Europa Continental, e que culminava em Itália, bem como as viagens feitas por escritores e livres-pensadores como Goethe e Montaigne. Cristóvão (2002: 49) fala dessas viagens como aquelas em que a aquisição de conhecimentos é a preocupação principal, quer se trate de conhecimentos científicos ou de cultura geral, capazes de estimular novas ideias e hipóteses.

Os viajantes eruditos são diferentes. Raramente têm espírito de aventura. São normalmente príncipes, artistas, clérigos ou intelectuais críticos que não se identificam com a estreiteza política, cultural, religiosa ou artística dos seus países. Desejam encontrar, fora de fronteiras, o que lhes falta dentro. Os seus escritos contribuem para a renovação cultural dos seus países.

Como chama à atenção Luis Romano (2013: 42), apesar de Cristóvão considerar as viagens e as categorias de viajantes no contexto histórico em que admite que teria prosperado a Literatura de Viagens, ou seja, o período compreendido entre o século XV e o final do XIX, isso não parece impedir que usemos a sua tipologia para pensar os conceitos do viajante do século XX ou do contemporâneo. Partindo deste pressuposto, a figura do viajante de erudição, de formação e de serviços não está, pois, restrita aos livres-pensadores, artistas e poetas do Iluminismo e do Romantismo. Está presente, igualmente, em escritores-

---

<sup>3</sup> Na sua tipologia de viagens, Cristóvão (citado por Romano, 2013: 39-41) fala em cinco categorias: a peregrinação; as viagens de comércio; as viagens de expansão (que se subdividem em expansão da fé, expansão política e expansão científica); as viagens eruditas, de formação ou de serviço e as viagens imaginárias.

viajantes contemporâneos, grandes nomes da literatura universal do século XX e contemporâneos. Do mesmo modo, se descobre em nomes imortais da literatura nacional, como Raul Brandão, Vitorino Nemésio, José Saramago entre tantos outros, onde a viagem que descobrimos é, muitas vezes, dentro do seu próprio país, Portugal.

Fernando Cristóvão define a 'Literatura de Viagens' como um subgénero literário, "modalidade interdisciplinar do género narrativo" (2002: 35),

cujos textos, de carácter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas. E não só à viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registo: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã. (*Id. Ibidem*)

O investigador refere que os textos de Literatura de Viagens são, pois, interdisciplinares, entrecruzando História, Antropologia e ficção e desvelando o olhar do viajante que forma uma imagem sobre o espaço e a cultura do Outro. A viagem não é apenas o percurso mais ou menos longo, mais ou menos árduo que se palmilha. Inclui o que se afigurou digno de apontamento pela novidade, raridade ou excepcionalidade.

#### **O olhar do viajante e o registo da excepcionalidade**

Efetivamente, em *As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens*, encontramos uma "pintura com palavras", tal como refere Raul Brandão no prefácio já mencionado. O escritor tinha ouvido elogiar os Açores e a sua viagem é motivada pelo desejo de descobrir "a paisagem do arquipélago", a qual, segundo se dizia, "valia a do Japão" (Brandão, 2011: 9).

Num registo marcadamente poético, escrevendo ao jeito impressionista de quem pinta, Raul Brandão esquisita de forma deslumbrante as paisagens, a Natureza e a essência do arquipélago dos Açores e da Ilha da Madeira. Assenta, essencial e demoradamente, o que se afigura como raro e excepcional, revelando-nos, concomitantemente, uma afeição vernácula à terra portuguesa e uma simpatia genuína pelo trabalho do povo. Numa policromia orgiástica, emergem, por entre as descrições, apontamentos sobre as condições de vida nas ilhas (e em Portugal continental), nas primeiras décadas do século XX, e reflexões existenciais. Por vezes, a visão é naturalista, essencialmente quando o escritor relata a miséria do quotidiano das comunidades de algumas ilhas, o instinto animal do homem ou o meio ambiente agreste em que viviam os habitantes do Arquipélago dos Açores. Um bom exemplo encontra-se em "O Corvo", a primeira ilha a quem o escritor dedica um capítulo do seu livro.

No primeiro capítulo, "De Lisboa ao Corvo", para além do assentamento das primeiras e intensas impressões de viagem, o escritor faz uma deslumbrada e embevecida referência breve à Ilha da Madeira, por onde passa e fundeia o navio e que merecerá as honras de um capítulo no final do livro. Depois, surgem as alusões às insulas que se começam a avistar "à luz delicada dos Açores" (Brandão, 2011: 19), sob um "céu carregado de humidade e forrado de nuvens" (*Id. Ibidem*): a Santa Maria, "esse torresmo de terra negra" (Brandão, 2011: 17), que o escritor fica conhecendo para o resto da sua vida "pela ilha que cheira bem..." (Brandão, 2011: 18); a S. Miguel e à Terceira, esta última onde o navio aporta. A ilha Terceira é outra terra perfumada, "quando vem o tempo do incenso dar flor" (Brandão, 2011: 23). Aí, onde Brandão confessa ter observado "as mais lindas figuras de mulheres dos Açores" (Brandão, 2011: 21), desde logo a atmosfera, as cores e os perfumes da terra atordoam o viajante que se sente invadido pelo "torpor açoriano" (Brandão, 2011: 23).

Na verdade, de imediato se instalam, segundo nos parece, sentimentos ambivalentes face às ilhas: a admiração maravilhada que se conjuga com as sensações de esmagamento, insularidade e solidão, que chegam a pesar “sobre o peito como um bloco” (*Id. Ibidem*), impressões que delimitarão todas as visitas e estadias nas ilhas e que farão Brandão revelar, no final da obra, a inquietação pelo regresso à “luz alegre, uma luz que vibra toda” (Brandão, 2011: 199) de “Portugal!...” (*Id. Ibidem*). Este final daria azo a interpretações que, todavia, não iremos tecer.

O percurso permite o avistamento de panoramas únicos e assombrosos, tal como o que se observa quando se depara com “quatro ilhas saindo do mar ao mesmo tempo” (Brandão, 2011: 24): a Graciosa, a Terceira, S. Jorge e o Pico. Depois, o Faial “dum azul quase violeta” (Brandão, 2011: 25). Na verdade, todo este caminho inicial é um “espetáculo imenso” que se desenrola diante dos olhos atónitos do viajante, como o próprio revela: “dá-me a impressão de que as ilhas nascem do mar e se vão formando à nossa vista pela mão do criador” (Brandão, 2011: 26). Desde cedo se instaura um clima de irrealidade que perdurará ao longo de toda a viagem e que culminará com a visão da paisagem na ilha de S. Miguel: “Há nesta ilha duas coisas maravilhosas: as Furnas e as Sete Cidades. Quase tenho medo de falar de uma paisagem que hoje, mais do que nunca me parece irreal...” (Brandão, 2011: 144); “luz e irrealidade” (Brandão, 2011: 145), levando o escritor a confessar a sua incapacidade para descrever o que vê e sente.

A chegada ao Corvo (segundo texto, após o prefácio, pp. 29 a 52) e as anotações finais da viagem de Lisboa a essa ilha confirmam os sentimentos paradoxais que assolarão permanentemente Brandão durante todo o verão de 1926: “É com apreensão que desembarco no sítio mais pobre e isolado do mundo” (Brandão, 2011: 35). Neste “grande rochedo a pique” (Brandão, 2011: 29), tudo é “Braveza, solidão e negrume” (*Id. Ibidem*). O Corvo é “Um penedo e vento na solidão tremenda”, sentimento que, mais do que nunca, macera o escritor: “sinto-me como nunca me senti, isolado no mundo” (Brandão, 2011: 27). Todavia, neste lugar, onde as gentes foram moldadas “a pouco e pouco [pela] braveza e o silêncio” (Brandão, 2011: 35), não existe indignação, como nota Brandão na página 31: “— Na verdade, não vi andrajos nem miséria”.

Espanta-se, pois, o escritor com a excepcionalidade da Natureza e do Homem corvino perante os quais se sente pequeno. Tudo assume proporções excepcionais e desmedidas: uma Natureza implacável e as gentes que a enfrentam. No Corvo, existe um “extraordinário sentimento de igualdade. O Corvo é uma democracia cristã de lavradores” (Brandão, 2011: 36). Nessa ilha, onde não se pode fugir à solidão e “à sólida arquitectura dos montes que apertam e esmagam” (*Id. Ibidem*), “o tempo assume proporções extraordinárias” (*Id. Ibidem*) e o homem “foi condenado à solidão e ao trabalho” (Brandão, 2011: 37). Ali, pondera Brandão, o ser humano foi privado do essencial na vida: a capacidade de sonhar. Ali, só a religião o livra da solidão, da Natureza implacável e do inferno!

Ao longo do texto, abate-se sobre o escritor e o leitor a inquietação da ventania implacável, o peso do nevoeiro fantasmagórico, o silêncio da monotonia, o sentimento da solidão opressiva e o espanto da grandeza e benignidade dos corvinos, “um povo perdido no mar” (Brandão, 2011: 47), “cuja índole extraordinária de mansidão abrange os homens e os bichos, sujeitos às mesmas leis severas da vida natural” (Brandão, 2011: 43). Aqui, como subsequentemente ao longo de toda a obra e tal como assinala Mágna Pierini,

Há um exercício de interlocução que conduz o leitor a uma representatividade cénica e poética, estabelecendo relações entre o macro e o micro espaços, a paisagem, o povo retratado e uma simbiose entre esses componentes, a pintura impressionista e escrita literária de Raúl Brandão. (Pierini, 2014: 99 - 100)

Entrecortam as anotações momentos de reflexão filosófica sobre a natureza humana, a religião e a Vida que permitem a Brandão concluir que “o Corvo é um mundo” (Brandão, 2011: 51), onde imperam as nuvens e o vento e onde o “ruído eterno do mar (...) ecoa nos paredões e nas almas” (Brandão, 2011: 49).

Sobressai, na descrição desta ilha, onde as leis da necessidade se impõem como em nenhum outro lugar, como afirma Raul Brandão, o caráter excepcional do povo açoriano, mensurado, no caso concreto dos corvinos, pelo cunho extraordinário de uma Natureza implacável e excepcionalmente agreste e brutal.

O impressionismo marca o texto, entendido a partir do seu binómio concetual e tal como definido por Giulio Carlo Argan: “Literalmente, *expressão* é o contrário de *impressão*. *Impressão* é o movimento do exterior para o interior: é a realidade (objeto) que se imprime na consciência (sujeito)” (Argan, 2004: 227). Num texto onde claramente as palavras são pinceladas de um exímio pintor, a presença de termos pertencentes ao campo semântico de outras artes, como a escultura, por exemplo, é igualmente de notar. Note-se o excerto: “as fisionomias abertas a escopro por um escultor de génio que não chegou a concluí-las (...)”. (Brandão, 2011: 35).

O capítulo seguinte ocupa as páginas 53 a 75, intitula-se “Floresta Adormecida” e é dedicado à lindíssima ilha “violeta e verde” (Brandão, 2011: 53), tão apropriadamente chamada Flores. Os textos sucedem-se, como as terras de que nos falamos: “As FLORES E O CORVO erguem-se uma defronte da outra, separadas por um canal de quinze milhas (...)” (*Id. Ibidem*), permitindo-nos perceber melhor a diferença abissal que separa as duas ínsulas. As primeiras impressões são de clareza em contraponto com o negrume do Corvo: “Entramos pelas rochas afiadas do porto de Santa Cruz”, onde a água verde-claro estremece (...)” (*Id. Ibidem*) e onde se vislumbram “Duas ou três ruas muito limpas, a igreja, a praça, o convento, e logo por trás uma colina esmeralda de formas regulares e perfeitas” (Brandão, 2011: 53-54). Ao contrário do Corvo, o “carácter desta ilha é de serenidade (...)” (Brandão, 2011: 54).

O que mais parece sensibilizar o escritor, nesta “paisagem feminina (...)” (*Id. Ibidem*), são a luz e as cores do lugar, que o transformam numa “obra de arte” (Brandão, 2011: 55), e transparecem num excerto que não podemos deixar de transcrever:

Tenho a impressão de que há nas Flores a luz mais delicada dos Açores, a luz vaporizada que se sensibiliza a todos os momentos. É talvez da cor, que é única, do pó roxo, do verde dos pastos (...) – é talvez da mistura dos nervos do mar, da chuva de Verão, do sol que se desfaz em ouro sobre tudo isto, e destas nuvens mágicas que interceptam a luz ruborizando-se como grandes velários de cor (...)... Todas as cores se fundem (...) [num] cinzento colorido onde bóiam cores húmidas (...) (*Id. Ibidem*).

O contraponto com a ilha do Corvo continua, claramente assinalado pelo escritor quando regista, “De ilha a ilha – Corvo e Flores – vão quinze milhas – mas que distância as separa!...”, pois, ao contrário dessa, tudo é “menor esforço” (*Id. Ibidem*) e fartura nas Flores, numa natureza pródiga onde até “dão leite as crateras dos pacíficos vulcões” (Brandão, 2011: 56).

Se o que mais assombra o escritor nesta viagem é a natureza excepcional das ilhas, registada desde logo nos três primeiros capítulos, também a análise etnográfica prende, como já mencionámos, a atenção do viajante conduzindo-o, inúmeras vezes a uma reflexão filosófica e política. Como aludimos anteriormente, separa o Corvo e as Flores uma dissemelhança abissal. Todavia, alguns aspetos são comuns, como, por exemplo, os costumes que, tal como nota o visitante, pouco mudaram numa e noutra ilha. O isolamento e uma espécie de tempo parado (“É aqui que o tempo assume proporções extraordinárias”, Brandão, 2011: 36) impuseram um conservadorismo arrasador que desperta diferentes sentimentos no escritor. Compreende o Corvo, onde a vida é tão “dura” (Brandão, 2011: 32) e tudo é “tão humilde, tão feio, tão só” (Brandão, 2011: 30). Não entende “os interesses mesquinhos moídos e remoídos” (Brandão, 2011: 57) que

observa nas Flores, comparando a ilha, nessa questão, ao Purgatório, chegando mesmo a escrever: “E na verdade aqui tanto faz estar vivo como estar morto e sepultado num jazigo de família” (*Id. Ibidem*). Repare-se, ainda, num novo antagonismo, observado nas Flores: o Purgatório social num Paraíso natural.

Em ambos os textos, a religião merece a atenção de Brandão. Aos corvinos, é a religião que os “livra da natureza e do inferno (...). É ela que, além da vida monótona, da vida horrível, lhes mostra outra vida superior.” (Brandão, 2011: 38). Nas Flores, ressalta aquela que é “a única devoção do povo açoriano, ou pelo menos a mais arreigada (...) o Santo Espírito, (...) culto remoto que vem do fundo dos séculos” (Brandão, 2011: 62), que se mantinha nos Açores e no sertão brasileiro e que apenas em pormenores varia de um lugar a outro. O que mais assombra o escritor e merece destaque é o “seu extraordinário carácter popular. Não é o padre que celebra o culto – é o povo que o celebra (...)” (*Id. Ibidem*). A festa merece uma detalhada descrição histórica, etnográfica e ritualística.

A sensação de ambivalência entre o êxtase do belo e a vaga apreensão ou receio mantém-se ao longo de todo o livro. As ilhas apresentam-se ora de uma beleza serena que encanta Brandão, como é o caso das Flores e do Faial, onde a terra se revela “numa fantasmagoria de azul” (Brandão, 2011: 86), ora como uma “imagem a negro e cinzento” (Brandão, 2011: 93), como é caso do Pico e do Corvo. O viajante admite: “de estonteado não reparo senão no azul que me deslumbra, em todos os tons do azul que me entram pelos olhos (...). Sob a pele que calcamos corre um rio azul inesgotável (...)” (Brandão, 2011: 86).

Do Faial, avista-se o “extraordinário” (Brandão, 2011: 89) e “estranho” (*Id. Ibidem*) Pico que os caprichos da luz, do tempo e das nuvens vão metamorfoseando. À maior ilha dos Açores dedica Brandão dezassete páginas, repletas de impressões, de cromatismo intenso e sentimentos avassaladores e ambivalentes que não deixam o leitor indiferente. A aproximação a terra revela uma imagem que “mete medo” (Brandão, 2011: 93) e o aspeto “é de um grande luto, duma grande desolação” (*Id. Ibidem*). De novo, entrecortam as soberbas descrições da natureza da ilha, que causa no viajante as mais paradoxais comoções, os registos etnográficos. Uma vez mais, sobressai o elogio ao povo açoriano: “Os picarotos são os mais destemidos homens do mar do arquipélago, tismados, secos, graves e leais” (Brandão, 2011: 94). Entre “tanto negrume”, o azul é mais azul e o verde mais verde e o homem consegue prevalecer: “a vinha e o souto, neste grande deserto, entre a pedra devorada, representam o triunfo do homem sobre as forças brutas da natureza” (Brandão, 2011: 95).

Nesse “extraordinário Pico (...) presidindo, como uma grande figura no meio do oceano, a todo o arquipélago dos Açores” (Brandão, 2011: 108), onde tudo é “Severidade e negrume” (Brandão, 2011:105), descobre o escritor a mestria da luz na unissonância do cinzento:

É aqui que a luz dos Açores atinge talvez a perfeição. Nada que a distraia – só mesmo o tom no vasto quadro feito com a mesma cor, variada até ao infinito em *nuances* delicadas. Sobre o cinzento do *mistério*<sup>4</sup> paira o cinzento absorto do céu – sobre a pedraria escorre o cinzento das nuvens (Brandão, 2011: 107).

Do “panorama tremendo” da ilha, que é “um pesadelo” (*Id. Ibidem*), onde o mar exala o “horrível cheiro a gordura [de baleia] que nunca passa (...)” (Brandão, 2011: 101), extrai o escritor um “prazer indefinido” (Brandão, 2011: 107). E a ilha negra apodera-se de todos os seus sentidos: “Tudo o que princípio me repelia (...) me seduz agora. O Pico é a mais bela, a mais extraordinária ilha dos Açores, de uma beleza que só a ela lhe pertence, duma cor admirável e com um estranho poder de atracção” (Brandão, 2011: 110).

---

<sup>4</sup> Brandão explica, na página 106, o que se entende pelo fenómeno geológico de “mistério”, ou seja, formações lávicas recentes: “O *mistério* é o resultado de erupções da base do Pico (...)” (Brandão, 2011).

A viagem continua e os propósitos da mesma só poderão ficar cumpridos com a descrição de todas as ilhas, porque, tal como se lê na página 95, “o que as ilhas têm de mais belo e as completa é a ilha que está em frente – o Corvo, as Flores, Faial, o Pico, o Pico, S. Jorge, S. Jorge, a Terceira e a Graciosa... (Brandão, 2011). Deste modo, os textos seguintes irão continuar a descrição da natureza e do homem das ilhas, dos costumes, das tradições e das principais ocupações, com destaque para a pesca, como se pode ler nos capítulos “A Pesca à Baleia” (pp. 111 a 121) e “Homens e Barcos” (pp. 123 a 142). Neste último, faça-se notar a menção às características comuns a todo o homem açoriano que passou “a vida sempre no mar” (Brandão, 2011: 127); à emigração para a América: “Quase todos os homens, e até as mulheres, emigram para a América, e os que não emigram é porque não podem fugir” (*Id. Ibidem*); a alusão a algumas das ilhas às quais não dedica capítulos, como a Graciosa, “uma ilha ilustre e literária” (Brandão, 2011: 133), onde “quase todos são felizes” (*Id. Ibidem*); a S. Jorge, “a ilha trágica” (*Id. Ibidem*), onde se pode ouvir “a queixa baixinha do homem mais desgraçado dos Açores” (*Id. Ibidem*).

A S. Miguel, a ilha “abençoada” (Brandão, 2011: 149), “onde se produz tudo” (*Id. Ibidem*), dedica Raul Brandão o capítulo “AS Sete Cidades e as Furnas” (pp. 143 a 161), indo do apontamento rigoroso, sobre a altura das montanhas micaelenses (veja-se na página 148), à descrição sensorial marcada pelos sentimentos de assombro e surpresa. Em S. Miguel, mais propriamente num lugar que se situa nas “regiões inesperadas de sonho” (Brandão, 2011: 145), à vista de “as Sete Cidades escondidas entre montes” (*Id. Ibidem*), confessa o escritor, como já foi referido, ter perdido, pela primeira vez na vida, a capacidade de descrever o que via e sentia: “Existe ou sonhei (...) esta beleza estranha (...)?” (Brandão, 2011: 146). O cromatismo descritivo atinge o auge neste texto: “Há aqui, sobre tudo, que eu quero notar, porque nunca o vi assim em parte alguma: o cinzento graduado até ao infinito (...)” (Brandão, 2011: 152). Parte deste capítulo é dedicado também ao esplêndido vale das Furnas, como logo o título deixava antever.

Raul Brandão não termina a sua visita aos Açores sem nos presentear com um texto sobre as águas que envolvem as ilhas açorianas, um “oceano que tem uma fisionomia concentrada e séria” (Brandão, 2011: 163), com águas “sujeitas a cóleras súbitas” (*Id. Ibidem*), cujo caráter se junta ao da terra, “que treme quase todos os dias” (*Id. Ibidem*). A personificação dos elementos da Natureza é também uma constante, dando ainda mais peso ao caráter excepcional da mesma nessas paragens mágicas.

Como ao longo da obra, quando fala de aspetos relativos à fauna e à flora, também para falar de “O Atlântico Açoriano” (pp. 163 a 178) o escritor se serve dos estudos de investigadores como o Príncipe do Mónaco e seus colaboradores, bem como de outros nomes célebres da altura. Nestas páginas, usa as referências do zoólogo Édmond Perrier (1844-1921), do geógrafo Jean Jacques Élisée Reclus (1830-1905) e do malacólogo Luís Germain (1878-1942), por exemplo, que entrecruza com as suas “impressões” sobre este “mar estranho” (Brandão, 2011: 169), onde se esconde talvez a Atlântida e se encontram “onde e onde alguns píncaros isolados” (*Id. Ibidem*), que são, nada mais, nada menos do que as ilhas dos Açores. Neste ponto, Brandão reforça a sua crença nos conhecimentos científicos, quando afirma: “O que está hoje ao certo lá em baixo não é uma civilização morta, é uma maravilha viva. Sabemo-lo pelos estudos organizados por (...)” (Brandão, 2011: 169).

### **O vanguardismo brandoniano na consciência ambiental e de desenvolvimento turístico de uma região: o caso da Ilha da Madeira**

O título da obra aponta, desde logo, para o objeto de interesse do escritor: “pintar com palavras” (Brandão, 2011: 9) os Açores. O propósito confirma-se, se tivermos em conta o que já referimos na introdução, ou

seja, que a estrutura do livro confirma a impressão que o arquipélago de “luz delicada” (Brandão, 2011: 19) causa no autor. Assim, nove dos dez capítulos do livro são dedicados às ilhas e ao Atlântico açoriano e só um, “Visão da Madeira” (pp.179 a 199), se demora inteiramente neste arquipélago onde o “ar é um perfume gordo” (Brandão, 2011: 182).

Neste lugar, onde a “vista falha” e “cheiro entontece” (*Id. Ibidem*), onde a “própria sombra é luminosa e palpita” (Brandão, 2011: 183), descobrem-se “léguas de fertilidade, de jardins, de campos e culturas” (*Id. Ibidem*) e vislumbram-se “os jardins dos palácios onde tudo se conserva alinhado e correcto, e as casinhas rústicas” (Brandão, 2011: 184) que são o “enlevo” (*Id. Ibidem*) do viajante. Na Madeira, a “paisagem não se contenta com duas ou três árvores, o ar fino e pouco azul derretido: é exigente e pesada. É materialista e devassa. Ao mesmo tempo é bela” (*Id. Ibidem*). E a cidade é “branca e sensual” (Brandão, 2011: 183), numa ilha onde “o principal (...) é a luz que cria e tanto amadurece o panorama como os frutos” (Brandão, 2011: 184). E a “noite é uma volúpia e o ar deste clima tropical uma carícia logo que o Sol desaparece” (Brandão, 2011: 185).

A Madeira é, para Brandão, um lugar onde “se assiste ao espectáculo extraordinário do mar e da serra, num cenário luxurioso e sensual. (...) é um panorama, Éden da volúpia, que nos entra pelos olhos e pelo nariz ao mesmo tempo” (Brandão, 2011: 188); é, em certos pontos, uma criação de artistas, região onde as paisagens são de “Doré – sítios ao mesmo tempo atropelados, bravios e poéticos. Um caos com pormenores líricos” (Brandão, 2011: 191).<sup>5</sup> O enlevo do escritor, perante esta terra áurea e pródiga, leva-o a reforçar a singularidade e a perfeição da paisagem madeirense: “Há fios de ouro suspensos sobre esta natureza, que talvez seja única no mundo. (...) Isto é completo e perfeito” (Brandão, 2011: 194).

Contudo e apesar da exaltação, o “sentimento da realidade” (Brandão, 2011: 192) atinge-o “passado o primeiro entusiasmo” (Brandão, 2011: 194). E é em cinco páginas (pp. 194 a 199), numa anotação datada de “24 de Agosto” de 1924, que se revela o vanguardismo brandoniano, vertido na consciência ambiental das considerações que tece sobre o desenvolvimento turístico da Madeira e na distinção que estabelece entre os conceitos de Turismo e Hospitalidade.

Já na década de vinte do século XX, e de acordo com a opinião do escritor, a Ilha da Madeira era “um cenário e pouco mais” (Brandão, 2011: 194-195), “tudo preparado e maquinado para inglês ver” (Brandão, 2011: 195). Já nessa altura, a “jóia voluptuosa que voga suspensa no azul” (Brandão, 2011: 196) era “uma estação de Inverno com alguns magníficos hotéis” (Brandão, 2011: 195).

Raul Brandão convida-nos, então, “a ver o cenário pelo lado de trás” (Brandão, 2011: 196). Terá sido, provavelmente, o facto de se ter dedicado ao jornalismo desde muito cedo que lhe terá proporcionado a propensão para a observância da atualidade política e social, base das suas reflexões filosóficas, como as que vai fazendo ao longo do livro e que culminam neste capítulo com a crítica à situação da Ilha da Madeira nesse tempo, a qual, em muitos aspetos, parece não diferir da atual: “Turismo, álcool e açúcar têm empobrecido o povo e enriquecido alguns felizes da terra. O homem do Funchal, em contacto com o progresso, transformou-se em hoteleiro, engraxador e *chauffeur*” (*Id. Ibidem*). Alguns, poucos, enriquecem enquanto a maioria se afunda “numa abjecção que tem aumentado sempre” (Brandão, 2011: 197). Contundentemente, o escritor afirma: “O que se faz neste país é um crime que havemos de pagar muito caro” (*Id. Ibidem*).

## Conclusão

---

<sup>5</sup> O escritor alude neste excerto ao pintor, desenhista e ilustrador francês de meados do século XIX, Gustave Doré.

*As ilhas desconhecidas - Notas e paisagens* é muito mais do que um livro de viagens. Obra emblemática, teve grande influência na formação da imagem interna e externa dos Açores. Nela se inspira, por exemplo, o código de cores das ilhas açorianas: Terceira, ilha lilás; Pico, ilha negra; S. Miguel, ilha verde... Por outro lado, as anotações críticas que Brandão faz sobre a questão turística da Ilha da Madeira revelam a atualidade do seu pensamento.

Vitorino Nemésio escreveu, em 1956, que “Há escritores que fazem, com os bicos da pena, o que pintores conseguem com pêlo de pincel e espátula. Raúl Brandão era desses” (61).

Não podíamos estar mais de acordo com o expoente máximo da literatura portuguesa e símbolo maior da literatura de matriz açoriana. Os “bicos da pena” de Brandão convidam-nos a ler e ver as pinturas de paisagens extraordinárias. Mas levam-nos, acima de tudo, em textos repletos de espanto, entre o esplendor da luz e da cor e o abismo negro da dor, a refletir com ele sobre a luta pela sobrevivência e a fragilidade e efemeridade da Vida: “palpo a fragilidade dos nossos atos, sinto a tristeza da vida efémera” (Brandão, 2011: 83).

## **Bibliografia**

- ARGAN, G. C. (2004), *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BRANDÃO, Raúl (2011), *As Ilhas Desconhecidas – Notas e paisagens*. Lisboa: Quetzal Editores. ISBN: 978-972-564-939-8.
- COELHO, Jacinto do Prado - Direção (1985), *Dicionário de Literatura*. 3.ª edição, Porto: Figueirinhas.
- CRISTÓVÃO, Fernando (2002). “Para uma Teoria da Literatura de Viagens”. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Org.). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e Bibliografias*. Coimbra: Almedina.
- LOOCWOOD, A e S. Medlik (Org). *Turismo e hospitalidade no século XXI*. Tradução Eliana Keeling, John Keeling. Barueri: Manole, 2003.
- NEMÉSIO, Vitorino (1956), *O Corsário das Ilhas*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- PIERINI, Mágnia Tânia Secchi (2014), “Entre tintas e palavras: tonalidades impressionistas em *Os Pescadores* e *As Ilhas Desconhecidas*”, in RIOS, Otávio( organ.), *Raul Brandão, um intelectual no entre-séculos (Estudos para Luci Ruas)*. 1.ª edição, Rio de Janeiro: Letra capital.
- ROMANO, Luís Antônio Contatori (2013). “Viagens e Viajantes, uma literatura de viagens contemporânea”, *Estação Literária*. Londrina, Volume 10B, p. 33-48, jan. ISSN 1983-1048. (Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/viagens-e-viajantes-uma-literatura-de-viagens-contemporanea-luis-antonio.html>, consulta a 20/07/2016).
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (1999). *Turismo e qualidade, tendências contemporâneas*. São Paulo: Papyrus.
- VIÇOSO, Vítor (2016), *Raul Brandão*. Camões, Instituto da Cooperação e da Língua. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/raul-brandao-35424.html#.V6Q-9tIrLDc>. Consulta em 04/08/2016.